

“antigamente
diziam: cuidado,
as paredes têm ouvidos

então
falávamos baixo
nos policiávamos

hoje
as coisas mudaram:
os ouvidos têm paredes

de nada
adianta
gritar”

Ruy Proença

Novembro, 1973

Faz três dias que não te vejo, pai. A mãe diz que voltas, que te ausentaste em trabalho e não tardas a chegar. Mas eu sei que não é verdade. Só tenho 13 anos, mas já percebi como funciona o mundo à minha volta. Não levantar suspeitas. Olhar para baixo e sorrir sempre. Nunca, em circunstância alguma, falar sobre política.

A mãe está a tentar fingir que está tudo bem e por isso não nos deixa perguntar por ti.

- Já disse que está a trabalhar! - gritou uma vez ao mano. A seguir apressou-se a fechar as cortinas, a correr as persianas e tudo o que pudesse indicar que estamos agitados. Porque não estamos. Tu só foste trabalhar.

Tudo começou aos poucos, de mansinho, sem que dêsemos por isso. Um dia ficaste até mais tarde na sala a ouvir rádio, num murmúrio quase impercetível, como se tivesses medo que os teus próprios ouvidos te denunciasses. Com o passar do tempo, começaste a ficar horas sentado na velha poltrona que herdamos do avô Saul, de sobrolho franzido, a olhar fixamente para um ponto invisível na televisão apagada. E eu escutava o silêncio, na cama, enrolada em lençóis de Inverno, ainda que estivessemos no Verão. Com o passar das semanas, ouvir rádio tornou-se um ritual, cada vez mais moroso e mais urgente. Deixaste de ser o homem alegre que brinca com os filhos e lhes dá beijos na testa e passaste a ser um homem pequeno, sempre a olhar por cima do ombro, que tremia como varas verdes quando um desconhecido corria na nossa direção. Depois vieram os atrasos à hora de jantar e as saídas à noite depois de irmos para a cama.

A mãe sabia, mas fingia que não percebia nada. Se calhar até é verdade. Há uma grande diferença entre saber que algo não está certo e perceber a gravidade do que está a acontecer. De qualquer das formas, continuou a ser a esposa modelo, que ia à missa ao domingo com os filhos enfiados em roupas perfeitamente engomadas. Deus, pátria e família. Como só podia ser.

Fevereiro, 1974

Faz três meses que não te vejo, pai. Ouvi no outro dia a mãe comentar com a vizinha da frente, a D. Eulália, que tinhas sido apanhado. A D. Eulália não pareceu ficar surpreendida. Na verdade, toda a vizinhança se afasta quando passamos, foge de nós como se fossemos contagiosos. Como se a PIDE os fosse apanhar também por nos terem olhado nos olhos. Vejo-os muitas vezes, a essa tal polícia de quem todos têm medo. Rondam-nos a casa e o quarteirão à noite, várias vezes por semana. Observo-os pela janela, encolhida entre as cortinas, com esperança de os ver trazer-te. Mas eles vêm sempre sozinhos.

A tua ausência não se notou só no número de pratos na mesa. Há também menos comida e por vezes só temos meia sardinha por refeição. O mano está a crescer, por isso dou-lhe a minha metade, sujeitando-me a ir dormir com um buraco no estômago. A mãe começou a trabalhar, visto que já cá não estás para nos sustentar. Passa horas no cultivo de terras, a mando da sua até então amiga e agora patroa, D. Micas. O pagamento é feito em alimentos, os mesmos que passa horas a semear, regar, colher e lavar. Deus, pátria e família. Raiva, fome e miséria.

Mai, 1974

Faz seis meses que não te vejo, pai. Nas ruas as pessoas dançam e cantam, falam alto e festejam. Dizem que houve uma revolução. Os cafés estão atolados de gente que já não se importa de ser ouvida. Há cravos por todo o lado, abraços, beijos e sorrisos. Eu não sinto nada disto. Ainda não te vi, pai.

Da janela de casa ouço gritos histéricos de homens e mulheres em euforia: “Viva a liberdade!”. Mas por aí, algures, tu ainda não és livre.

A mãe chora, diz que está feliz porque a nossa vida vai mudar para melhor. Eu

não acredito, acho que está a chorar por ti. A DGS - ou PIDE, como todos lhe chamam – extinguiu-se. Acabou-se o medo, o pânico de ser apanhado ou morto. Para mim começou um medo diferente: a PIDE desapareceu e levou-te consigo.

Saio para a rua e tento cheirar a liberdade de que todos falam. Só cheiro suor, chuva e terra molhada.

Agosto, 2021

Faz 48 anos que não te vejo, pai. Tenho 61 anos e nunca esqueci o último dia em que te vi. Ias com umas calças de ganga escuras desbotadas, cheias de manchas de líxivia que caiu sem querer. A camisola era verde, um verde sujo e feio, que só a ti ficava bem. Durante alguns anos senti raiva por nos teres deixado sozinhos. Mas depois percebi que só querias que fôssemos livres.

2021 é muito diferente daquilo que vivi durante o regime. A comida não escassa, as pessoas não se escondem, nem têm medo. Todos falam o que querem, alto e bom som. Abraçam e beijam quem amam, quem lhes apetece. Riem e choram em público, sem medo do julgamento dos outros. Já não há problema em usar roupas curtas e não ir à missa. A maioria já nem acredita em Deus e nem todos têm o sonho de criar família. Há cada vez menos a noção de pátria, já que somos todos cidadãos do mundo. Somos livres, na maioria das vezes.

Todos os anos, no dia 25 de abril, festejamos a liberdade. Mas no resto do ano as pessoas esquecem o seu privilégio. “No tempo de Salazar não era assim tão mau”, dizem. E dizem-no sem vergonha, o que para mim é o mais triste. Não viveram o mesmo que nós.

Até hoje não sei o que te aconteceu, para onde te levaram ou o que te fizeram. Mas há muitos anos que sei que és um homem corajoso. Provavelmente não viveste a revolução de abril, cheia de cravos na rua. Mas fizeste parte de uma revolução diferente: aquela que aconteceu dentro de mim.

Não posso dizer que somos 100% livres, pai. Ainda há muitos caminhos a percorrer. Mas se há coisa que me ensinaste é que nos cabe a nós escolher de que lado da História queremos estar. Eu já escolhi o meu lado e caminharei sempre em prol do lado que escolhi. Obrigada por tudo, pai. O caminho faz-se caminhando.